

PANDEMIA E EDUCAÇÃO: A EXPOSIÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA NO DO ENSINO REMOTO.

Teui Medeiros Militao Alves¹
Maria Carolyne Pessoa Fernandes²

RESUMO

Este artigo faz parte do processo de desenvolvimento do projeto de pesquisa-ação integrado à disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental/Inglês. O objetivo deste trabalho é relatar criticamente as dificuldades que estudantes brasileiros e professores - principalmente os de renda mais baixa – vêm enfrentando desde o início do ensino remoto durante a pandemia do Coronavírus, e como essas diferenças socioeconômicas da sociedade brasileira têm se tornado ainda mais evidentes no contexto educacional pandêmico.

Palavras-chave: Ensino fundamental, língua inglesa, pesquisa-ação.

INTRODUÇÃO

O Brasil possui, em média, cerca de 11 milhões de analfabetos, segundo dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio). Os brasileiros que fazem parte desses 11 milhões são aqueles para os quais as políticas públicas governamentais não chegam e, em sua grande maioria, tiveram que optar entre estudar ou por trabalhar para alimentar familiares. Tendo pessoas dependentes financeiramente, os estudos acabam ficando em segundo plano. A existência do problema da acessibilidade da educação, no Brasil, não para, somente, diante da situação econômica. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em um levantamento de dados feito antes da pandemia existir, em 2019, há uma grande diferença na oferta e resultados da educação entre as regiões do país. E quando se caracteriza por cor da pele, a pesquisa evidencia, também, um grande contraste. As regiões norte e nordeste possuem as maiores taxas de analfabetismo; o primeiro tendo, em média, 7,6% de analfabetos do país, e o segundo, 13,9%. Enquanto isso, as regiões sul e sudeste detêm uma taxa aproximada de 3,3%. Quando analisadas as questões raciais, o branco, no Brasil, tem uma taxa de analfabetismo de

¹ Formanda do Curso de Letras – Línguas Estrangeiras Modernas/Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professora do Projeto CLAP – Curso de Línguas em Apoio ao Professor; mariacarolyne1944@gmail.com

² Formando do Curso de Letras – Línguas Estrangeiras Modernas/Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor do Projeto CLAP – Curso de Línguas em Apoio ao Professor; teui@hotmail.com

3,6%, enquanto, entre pretos e pardos, a taxa sobe para 8,9%. Essas diferenças se dão por questões históricas, no país, da qual faz parte a industrialização tardia nas regiões norte e nordeste, que acaba refletindo até os dias de hoje em seu desenvolvimento mais lento. Enquanto isso, as consequências da escravidão se refletem fortemente até os dias atuais. O racismo ainda anda livremente pelas ruas brasileiras, sendo uma realidade viva e não um reflexo.

A grande disparidade socioeconômica é a fonte que desencadeia o debate deste artigo: seria sensata e, de certa forma, justa a realização de Ensino Remoto durante uma pandemia? Responder a esta questão alimentou o escopo da pesquisa que promovemos durante o segundo semestre de 2020 e o primeiro semestre de 2021 quando, enquanto professores de ensino básico fundamental, acolhemos o formato letivo como única possibilidade de continuar nosso trabalho de ensinar língua inglesa aos educandos. Este artigo é, pois, apenas uma reflexão acerca das implicações do formato remoto de ensino na vida dos alunos de escolas públicas pelas condições desfavoráveis às quais foram expostos durante a pandemia.

1. Educação e Pandemia

Após dois anos enfrentando a pandemia do Coronavírus, os desafios de vida em sociedade trazidos pelo vírus não são mais novidade para ninguém. Como forma de adaptação a esta nova era, o mundo foi exposto ao ensino remoto, onde não era necessário a saída de casa para ter aulas, evitando assim a disseminação do vírus. Entretanto, as instituições públicas, com a consciência de que nem todos têm acesso à internet ou dispõem de um aparelho que possibilite o acesso, demoraram a decidir o que fazer em relação às aulas. Apenas no dia 24 de agosto de 2020, foi decidido pelo governo do estado que as aulas voltariam na modalidade remota.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte publicou que seria dado um auxílio aos alunos com vulnerabilidade socioeconômica. Este auxílio serviria principalmente para comprar aparelhos eletrônicos para assistir às aulas ao custo de R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais). Já nos Institutos Federais, o auxílio seria de R\$ 850,00 (oitocentos e cinquenta reais). A intenção era que este valor agilizasse a compra de um aparelho com acesso à rede de internet e o início das aulas. Porém, a média de preço de um notebook, celular ou tablet, no Brasil, ultrapassa o valor oferecido para custeio do recurso, deixando os alunos desamparados.

2. Realidade dos alunos.

No dia 26/02/21, o site de notícias G1, por exemplo, publicou uma matéria que chamou a atenção de muitas pessoas. Em Goiás, uma criança estava tendo aula remota quando sua casa foi inundada. A menina gravou um vídeo para mostrar ao seu professor a situação em que se

encontrava. “A chuva está tão forte que tive que quebrar um pedaço da parede (para a água sair). Eu tenho 10 anos e tenho perigo de pegar gripe, verme. Estou aqui tentando ajudar minha família”, contou a menina ao professor durante a gravação. A mãe da menina, Michelle Ventura, também deu seu depoimento: “Ela estava estudando, tendo aula on-line e ela teve que parar o momento da aula para mostrar ao professor o que estava acontecendo, a casa sendo inundada”.

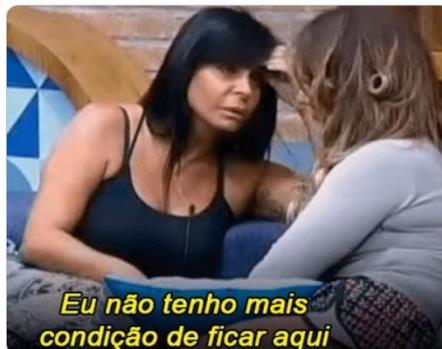
Esta é apenas uma história de muitas outras que temos no Brasil. Como é possível uma criança conseguir estudar em uma casa destruída? Como é possível estudar sem os recursos necessários? O ambiente de estudo influencia diretamente na aprendizagem, sabemos. Além de problemas dessa natureza, temos, também, o problema de crianças que tomam conta de irmãos mais novos. Segundo o IBGE, cerca de 6,5% da população brasileira vivem com menos de 1,90 reais por dia, e 24,7% da população sobrevivem com 436,00 reais por mês. Apesar de não ter encontrado nenhuma pesquisa direta sobre a situação de crianças e adolescentes que cuidam de irmãos, é comum que isso aconteça, principalmente entre as famílias mais pobres. Os pais trabalham e os filhos precisam cuidar uns dos outros, além de cuidarem da casa, da alimentação da família e de estudar. Então, sem o acesso ao espaço físico da escola, para essas crianças que ajudam seus pais, estudar em casa se tornou muito complicado, pois, quase sempre, terá algo tirando sua atenção. Abaixo, temos alguns exemplos extraídos diretamente da rede social *Twitter*, em espaços de adolescentes que desabafam sobre suas vidas e sua situação acadêmica:

como que eu vou ter aula online de manha se de manha eu tenho que cuidar do meu irmao
DESGRAÇAAAAA

3:44 PM · 17 de jun de 2020 · Twitter for Android

Figura 1.

Se eu ja n entendo nada na aula online normalmente
Imagina hj q vou ter q cuidar do meu irmão enqt
assisto a aula



12:51 PM · 26 de mai de 2020 · Twitter for Android

Figura 2.

Na figura 1, temos um estudante que tem de cuidar do irmão todos os dias pela manhã, na hora da aula; logo, assistir às aulas passa a ser incômodo e podemos, no *tweet*, ver um pouco da sua indignação. Na figura 2, podemos perceber que, apesar de a obrigação de cuidar do irmão não ser recorrente, o usuário-aluno sabe o quanto é difícil assistir a aulas e estar atento ao irmão ao mesmo tempo, e demonstra o descontentamento com as aulas remotas. Podemos perceber que para essas duas pessoas o ensino remoto se tornou um peso e não um meio de ajuda.

Outra história de vida que virou matéria foi a do jovem de quinze anos, Artur Mesquita, do Pará. Para poder ter internet para acessar às aulas durante a pandemia, o menino e o irmão têm de subirem em uma árvore do sítio em que moram, no interior, para então conseguirem sinal de rede. Quando questionado sobre a situação, Artur falou sobre o que quer para seu futuro: “Dar uma vida melhor para minha mãe, para o meu pai e terminar minha faculdade.” É admirável a força de vontade que os meninos demonstram para mudarem sua realidade, entretanto, isso não deveria ser romantizado, como faz o jornalismo panfletário. Não é papel dos estudantes de classe baixa “dar seu jeito” para conseguirem estudar, o governo deveria fazer seu papel. Um internauta deixou seu comentário no *post* da matéria a respeito:

Na verdade, está de parabéns o garoto. Mas isso demonstra o total descaso do governo com a educação, milhares de famílias pobres não têm acesso a internet, os professores e alunos têm que sobreviver do jeito que podem. Parabéns ao jovem e vergonha na cara para o governo. (Web App, 2021)

Ficamos nos perguntando se o montante de valores disponibilizados pelo MEC ao estado do Pará logo nos primeiros dias de 2021, só restrito ao programa de desenvolvimento da educação FUNDEB – 2021, não teriam sido suficientes para uma gestão que incluísse recursos referentes à disponibilização de melhor acesso a redes de internet de qualidade pelos estudantes dos municípios e regiões metropolitanas do estado, sobretudo em regime emergencial durante a pandemia. Ora, falamos aqui de investimentos federais ao estado, só no ano de 2021 e do citado programa, que somam R\$557.048.516,97! (BRASIL, 2021).

Ter acesso a uma boa internet é um problema que afeta diretamente o ensino remoto e o ensino a distância. Apesar de serem 46 milhões de brasileiros a possuir internet, de acordo com a pesquisa realizada pelo *Centro Regional e Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação* (Cetic), isso não significa que a internet que as pessoas utilizam é de boa qualidade e que funciona diariamente. A pesquisa indica que a cada cinco pessoas, uma afirma que só consegue acessar a internet servindo-se do *wifi* de um vizinho. Fábio Storino, analista de informações da Cetic, relata que as classes mais altas são, predominantemente, os usuários de internet no Brasil, cujo caráter é mais urbano. Ou seja, pessoas do campo tendem a ter mais dificuldade de acesso ao serviço.

A porcentagem de acesso à internet para pessoas do campo com recurso de celular é de apenas 53% (*Brasil de Fato*), o que nos mostra que, mesmo tendo equipamento de telefonia disponível, não há acesso à rede, senão pelo uso de redes dos *chips*, o que é o caso do Artur. De mais a mais, como vimos na matéria, não é fácil achar uma localização, na zona rural, em que a rede seja boa o suficiente para carregar aplicativos necessários para assistir a aulas. Este é um dos fatores da predileção dos estudantes do campo pela educação em sua forma física. Geralmente, existe uma escola construída na região para onde os alunos se deslocam para estudar com ajuda dos ônibus públicos e particulares, já que não podem contar com um mundo virtual de qualidade. E a pandemia acabou tirando isso deles.

Outro fator que prejudica a educação no meio rural é o trabalho infantil. No Brasil, a faixa etária mínima para o trabalho é 16 anos, para menores só é permitido trabalhar em forma de aprendiz. Porém, não é isso que acontece no país. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o trabalho infantil têm a predominância de crianças com idades entre 5 à 14 anos, em sua maioria do sexo masculino. Mas isso não quer dizer que as meninas estão livres do trabalho infantil. De acordo com o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI), 94,2% do trabalho doméstico é realizado pelo sexo feminino. Entre essas meninas, 73,4% são negras e 83% trabalham nas suas próprias casas e na casa de outras pessoas.

Todos esses dados nos comprovam que ser criança e ter baixa renda, no Brasil, significa trabalhar desde cedo, o que acaba não dando espaço para os estudos. Quantas histórias não escutamos de pessoas que tiveram que abandonar os estudos porque precisavam trabalhar para sobreviver! Em outras palavras, a falta de acessibilidade à educação - em sua forma física e online, não é o único problema que as crianças brasileiras enfrentam, a pobreza também é uma grande inimiga da educação. Deste modo, concluímos que a história de Artur - com certeza - não deve ser única e que muitas outras crianças devem estar passando por situação semelhante ou até por situações mais preocupantes e extremas. Ao mesmo tempo que alguns têm que se desdobrar para fazer a internet funcionar na zona rural, outros são prejudicados pela modalidade de ensino remoto, pois não possuem renda suficiente para ter acesso à internet. O trabalho acaba sendo a única opção dessas crianças, no momento, e quando a pandemia acabar, é possível que uma grande parte se sinta desmotivada a voltar aos estudos no ambiente das escolas, pois parece que foram abandonadas pelo sistema de educação dos governos estaduais e municipais, que sequer compartilham das mesmas ideias de gestão educacional neste contexto pandêmico.

3. O professor e a pandemia.

É senso comum que não é fácil ser professor no Brasil. O sucateamento das escolas, a quantidade de alunos em cada sala, excesso de trabalho dos professores, os problemas de casa que

ultrapassam os muros escolares, tudo isso dificulta o processo de aprendizagem. O professor tem que se desdobrar para tentar atingir seu objetivo: fazer com que o aluno aprenda. E tudo isso começa já durante a faculdade. Os estágios são uma experiência necessária e que deveria ser executada desde os primeiros semestres, mas, muitas vezes, acaba sendo uma experiência negativa para os jovens professores, por causa dos motivos citados acima.

Como cuidamos dos jovens professores? O pior possível. Eles vão para as piores escolas, têm os piores horários, vão para as piores turmas, não há qualquer tipo de apoio. Eles são ‘lançados às feras’ totalmente desprotegidos. E nós fazemos de conta que o problema não é conosco. É um problema talvez do Estado, talvez de alguém, das autoridades, mas não um problema nosso. Mas este é, sim, um problema nosso e dramático da profissão. (NÓVOA, 2007, p. 14)

Apesar de ser um choque de realidade, as disciplinas de estágios obrigatórios ajudam os jovens professores a se prepararem para o que lhes aguarda no futuro. Ter essa experiência é essencial para se desenvolver enquanto professor. Entretanto, nenhuma matéria na faculdade prepara os professores para lecionarem na modalidade do ensino remoto. Durante a pandemia, os professores foram simplesmente jogados a este tipo de ensino e estão tendo de se virar desde então. Muitos professores são mais velhos e não conhecem as tecnologias que o mundo de hoje tem a oferecer, até mesmo por causa de sua situação financeira, já que todos sabemos que o trabalho do professor não é valorizado convenientemente e que os planos mais básicos de sobrevivência não comportam equipamentos tecnológicos de última geração.

Para ensinar os alunos no formato remoto, os professores tiveram que, no mínimo, aprender a mexer em ferramentas tecnológicas até então desconhecidas, e a maioria deles teve de aprender sozinhos, em um curto período. Alguns estudantes, reconhecendo o esforço solitário de seus professores, tentaram generosamente facilitar o trabalho pedagógico ajudando, quando necessário, no uso dos recursos, com explicações ou contribuições de tarefas, já que pessoas mais jovens têm muito mais conhecimento e facilidade com aparelhos eletrônicos. Da mesma forma e por outro lado, nem todos os alunos têm o bom senso de perceber o quão desafiador tem sido esse período para os professores, e acabam tornando sua experiência ainda mais angustiante quando exploram oportunidades perfeitas para zombarias. Veja-se o exemplo abaixo que, apesar dos tantos erros gramaticais, serve-nos para ilustrar certa experiência negativa de uma professora:

totalmente desrespeitoso. meu pai é professor no auge dos 40 e poucos anos e se formou recentemente. eu vejo a luta dele pra arrumar tudo para da a aula, ele fica inseguro muitas vezes, nervoso e tudo mais com esse negócio EAD. mal sabe mexer em computador, pq tem dificuldade



1:53 AM · 24 de mar de 2021 · Twitter for Android

Figura 4.

eu fico com o coração na mão quando ele me conta o quão difícil tá pra ele fazer as coisas e olhe que ele tá tentando o máximo desenrolar pra aprender a mexer na plataforma. aí chegar uma garota dessas querer tirar onda com o professor é sacanagem.

1:55 AM · 24 de mar de 2021 · Twitter for Android

Figura 5.

Nos *tweets* acima temos um vídeo de uma situação que aconteceu com uma professora durante uma aula on-line, enquanto utilizava a ferramenta Google Meet (sala on-line em que professores e alunos podem se reunir de maneira simultânea). Os alunos conversavam aleatoriamente no *chat* e a intenção da professora era bloquear o *chat* para cessar a conversa, mas, por não saber como fazer, precisou da ajuda dos alunos. Um aluno, parecendo bem-intencionado, explicou que para fechar o *chat* era necessário clicar na tecla Alt e F4, a professora agradeceu a ajuda falando "está certo, meu amor. Muito obrigada". Entretanto, quando essas duas teclas são acionadas, a aba que estava aberta se fecha, o que fez com que a professora deixasse o *Google Meet*.

O usuário que comentou o *tweet* do vídeo relata as dificuldades que seu pai, também professor, tem enfrentado durante o ano letivo pandêmico. Relata que o pai se esforça muito para tentar aprender a mexer nessas novas ferramentas e que, antes da pandemia, mal mexia em um computador. Conhecendo a realidade socioeconômica dos professores brasileiros, principalmente os da rede básica de ensino, tanto público quanto privado, estimamos que grande parte dos professores não utilizavam muito das tecnologias digitais e de rede antes da pandemia, e hoje, para prosseguir atuando em prol da educação, passaram e passam por muitas dificuldades de 'domar' os novos instrumentos (pouco acessíveis) de trabalho.

Além das dificuldades acerca das ferramentas utilizadas, existem ainda as dificuldades que o ambiente propicia, quais podem vir a ser, às vezes, as mesmas que os alunos enfrentam. Muitos professores estão tendo que lidar com seus filhos ao mesmo tempo que trabalham em casa, pois as escolas estão fechadas e eles não têm com quem deixar as crianças - até por causa da pandemia; a única coisa que podem fazer é tentar que a criança não atrapalhe muito a aula. Então imagine um professor ou professora com aula programada para às 8 da manhã e, ao mesmo tempo, tem um filho pequeno que precisa de seus cuidados. Como cumprir responsabilmente o papel profissional e pessoal ao mesmo tempo? Abaixo temos alguns exemplos desse esforço:

pérolas do ead meu professor dando aula com o filho
no colo coisa mais fofa do mundo
11:25 AM · 25 de mar de 2021 · Twitter for iPhone

Figura 6.

EAD dia 1
Barulhos de criança
-da licença gente...
Professora gritando com o filho.
2:59 PM · 25 de mar de 2020 · Twitter for Android

Figura 7.

Impossível prestar atenção em aula ead com o filho da
professora jogando joguinho/falando/gritando no
fundo
10:51 AM · 29 de jan de 2021 · Twitter for iPhone

Figura 8.

Na figura 5, vemos o exemplo de um professor que tem de dar aula com o filho no colo. O usuário relata que a situação foi fofa, mas todos sabemos que essa não é a situação educacional ideal, pois a criança tira a atenção do pai e dos alunos. Na figura 6, vemos o exemplo de uma criança que, mesmo sem estar no espaço que a professora está lecionando, atrapalha, fazendo com que ela tenha que parar a aula para ir até ele reclamar, quebrando, assim, a linha de raciocínio em que a aula estava seguindo e vindo a ser mais um fator de estresse para o professor e a turma. Na figura 7, temos um usuário reclamando dos barulhos que o filho da professora está fazendo ao fundo e que, deste modo, fica difícil prestar atenção e entender o conteúdo. Todos sabemos que não podemos culpar os professores, alunos e nem mesmo as crianças, mas a combinação entre filho de professor e ensino remoto, na maioria das vezes, tem um resultado longe do pretendido pelo plano do professor e longe do ideal daquele estudante que espera uma boa aprendizagem.

Meu professor já caiu 3 vezes em 10 minutos de aula
Que maravilha ter aula ead né mores

7:17 PM · 24 de mar de 2021 · Twitter Web App

Figura 9.

primeiro dia de ead e faltou luz na casa do professor
kkkkkkkkkk

9:42 AM · 22 de mar de 2021 · Twitter for Android

Figura 10.

Os problemas com a internet não ficam restritos somente aos alunos. Na figura 8, vemos o usuário relatando que, em 10 minutos de aula, a internet do professor perdeu o sinal 3 vezes. A culpa, claro, não é do professor, mas isso mostra que a internet não estava funcionando bem, o que nos dá abertura para subentender vários possíveis motivos, inclusive, por exemplo que, talvez, o professor não tenha acesso uma internet de boa qualidade por renda limitada. Logo, dar uma aula inteiramente on-line em tempo real com riscos de quedas de sinal, falhas de áudio e imagem, idas e vindas ao assunto, tudo isso é uma somatória de problemas que garantem uma coisa: a dificuldade de compreender os conteúdos. Na figura 8, temos o exemplo de fatores externos que também prejudicam as aulas. É fácil crer que sempre haverá alguém sendo prejudicado na modalidade de ensino remoto.

O modelo de ensino remoto foi e é o mais comumente usado pelas instituições durante a pandemia e, ainda que o artigo seja focado principalmente nesta modalidade de ensino, não podemos deixar de citar outro tipo de ensino que foi adotado durante a pandemia: o ensino híbrido. Algumas poucas escolas adotaram este formato feito da combinação de aula presencial e aula on-line em tempo real. Este modelo, durante a pandemia, serviu para acolher tanto os alunos dos grupos de risco (ou com familiares em grupos de risco), com aulas em suas casas, quanto os alunos que poderiam voltar presencialmente para a escola. Logo, um grupo de cada turma passou a ter aulas em plataformas on-line, enquanto o outro grupo estava em sala física, na presença do professor e seguindo os protocolos sanitários. Apesar deste modelo parecer eficiente, o formato não avançou em todas as instituições, pois a pandemia, em ondas de alastramento do vírus, causou incômodo em alguns gestores escolares a ponto de se decidir não sustentarem levar adiante o ensino híbrido, o que exigiu dos professores refazerem todos os seus planejamentos novamente, então para o formato exclusivamente on-line em formato remoto.

Algumas escolas, no entanto, permaneceram com o ensino híbrido, sobrecarregando seus professores, que passaram a ter de dar conta dos dois formatos de aula a um só tempo: o tradicional, na escola, com uma série de novas regras que deviam ser acolhidas por todos; e, dali mesmo, e “durante” a aula presencial, a aula on-line em tempo real, com o uso de *notebook* ou

computador e câmera. A preparação de todo esse duplo planejamento já é, em si, bastante trabalhosa. Já o processo de realização de uma aula híbrida é extenuante para qualquer professor, até os mais experientes. Some-se a isso as circunstâncias fisiológicas e emocionalmente delicadas do período pandêmico – suas e dos alunos - e teremos alguma visão da rotina desafiadora de um professor de 2020 para cá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O ensino remoto não é visto como um problema só em nosso país, o Instituto Karolinska, na Suécia, fez uma pesquisa para saber a opinião dos pais sobre esta modalidade de ensino. A psicóloga Lorraine Soares, responsável pela pesquisa aqui no Brasil, afirmou que na Europa, em todos os países que a pesquisa foi feita, os pais consideram o ensino remoto negativo para os filhos e para eles próprios.

É senso comum que a vida do europeu, por razões econômicas, é mais fácil que a do brasileiro em vários sentidos. Então, se para eles o ensino remoto acaba não agradando, imagine para um país que tem que lidar com a pobreza, a miséria, a fome, o sucateamento da educação e da saúde. De fato, deixar os estudantes parados em suas casas durante toda a pandemia não seria a solução, mas criar uma estratégia de ensino que favoreça apenas aqueles que têm mais condição financeira também está longe de ser o ideal.

O governo, representado por todas as partes que cuidam do sistema de educação nacional, tem de buscar políticas que incluam a todos, principalmente as minorias. Quando essas pessoas que estão dentro de uma bolha de pobreza são esquecidas pelo estado, a pobreza tende a crescer, principalmente, quando sem acesso à educação. A inclusão de pessoas pobres nas propostas de educação é um meio para diminuir a desigualdade social.

Além de não pensar nas pessoas em situações de pobreza que também merecem estudar, fica claro que o ensino remoto está sendo um fardo para os estudantes – e não por ser cansativo, apenas, mas porque, apesar da exclusão de pessoas que não têm acesso à internet e aos aparelhos eletrônicos, ainda existem pessoas de baixa renda que têm acesso a esses utensílios de forma limitada e estão tendo que fazer o que podem para poder estudar.

De fato, em 2020, o acometimento do vírus pegou todo mundo de surpresa e o modo de agir para ajudar os estudantes pode ter sido um pouco precipitado. Porém, já se passou mais de um ano e nada foi feito para tentar gerar uma inclusão maior de pessoas de baixa renda na educação em meio à pandemia. Já passou da hora do governo brasileiro se organizar e procurar saídas para não deixar essas pessoas esquecidas por tanto tempo. É obrigação do governo, sim, pensar em todos e não somente naqueles que já estão em situação de conforto, em nosso país. Talvez uma primeira ação positiva do governo federal nessa direção fosse levantar o que cada

estado fez pela educação de seus municípios com o seu investimento emergencial financiado pelo MEC para atender às escolas, aos professores, aos alunos e às famílias de alunos a partir de 2020. Sabemos que são vários os Programas que canalizam recursos para os estados e municípios brasileiros diretamente do MEC, anualmente. Vale a pena o leitor interessado fazer uma pesquisa rápida no Portal *Desenvolvimento da Educação* do site do MEC www.portaldatransparencia.gov.br e verificar se os estados estão aplicando devidamente os recursos dos cinco programas governamentais de fomento anual especialmente criados para manter e fortalecer a educação nacional.

REFERÊNCIAS.

BEHAR, Patrícia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, 6 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>>. Acesso em: 30 de mar. de 2021.

BRASIL. Portal da Transparência - Pará. *Desenvolvimento da Educação*. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.portaldatransparencia.gov.br> Acesso em 26 de julho de 2021.

DIAS, Marina. Pesquisa internacional investiga impactos de ensino remoto nas famílias. *Revista Encontro*, 19 de agos. de 2020. Disponível em:

<<https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2020/08/pesquisa-internacional-investiga-impactos-do-ensino-remoto-nas-familia.html>>. Acesso em: 2 de abr. de 2021.

G1. *Jovem sobe no alto de árvore para melhorar sinal de internet e assistir aulas no Pará*. 21 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/03/21/jovem-sobe-no-alto-de-arvore-para-melhorar-sinal-de-internet-e-assistir-aulas-no-para.ghtml>>. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

GARCIA, Cecília. O perigo do trabalho infantil doméstico dentro e fora de casa. *Criança Livre de Trabalho Infantil*. 27 de abr. de 2017. Disponível em:

<<https://livredetrabalho infantil.org.br/noticias/reportagens/o-perigo-trabalho-infantil-domestico-dentro-e-fora-de-casa/>>. Acesso em: 1 de abr. de 2021.

GARCIA, Diego. Pobreza extrema afeta 13,7 milhões brasileiros, diz IBGE. *Folha de S. Paulo*, Rio de Janeiro, 12 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/11/pobreza-extrema-afeta-137-milhoes-brasileiros-diz-ibge.shtml>> Acesso em: 31 de mar. de 2021.

MORALES, Juliana. Dia Mundial da Alfabetização: a situação do Brasil e desafios na pandemia. *Guia do Estudante*, 8 de set. de 2020. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/dia-mundial-da-alfabetizacao-a-situacao-do-brasil-e-desafios-na-pandemia/>> Acesso em: 30 de mar. de 2021.

NÓVOA, Antonio. *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo*. São Paulo: Sinpro, 2007.

OLIVEIRA, Regiane. As escolhas que fizemos para as crianças foram terríveis: um ano de ensino remoto no Brasil. *El País*. São Paulo, 22 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-22/as-escolhas-que-fizemos-para-as-criancas-foram-terriveis-o-balanco-de-um-ano-de-ensino-remoto-no-brasil.html>> Acesso em: 2 de abr. de 2021.

RAQUEL, Martha. Quem são as pessoas que não têm acesso a internet no Brasil? *Brasil de Fato*, Salvador, 10 de agos. de 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/10/quem-sao-as-pessoas-que-nao-tem-acesso-a-internet-no-brasil.>>. Acesso em: 1 de abr. de 2021.

SANTANA, Vitor. Na véspera do aniversário, criança tem casa inundada enquanto tinha aula on-line e chora ao filmar para mostrar ao professor. *G1*, Goiás. 26 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/02/26/>>. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

TOKARNIA, Mariana. Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de jul. de 2020. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/>> Acesso em: 30 de mar. de 2021.

